

## A HORA DA ESTRELA

(O que nos diz Macabéa)

Mônica Palacio de Barros Correia<sup>1</sup>



“A única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, desde que ele seja reconhecido como tal, é a de lembrar, com Freud, que em sua matéria, o artista sempre o precede. Portanto ele não tem que bancar o psicólogo, já que é o artista que lhe desbrava o caminho. (...) Foi precisamente isso que reconheci no arrebatamento de Lol V. Stein, onde Marguerite Duras revela saber sem mim aquilo que ensino”.

Jaques Lacan - Outros Escritos - Homenagem a Marguerite Duras. “O Arrebatamento de Lol V. Stein”

O dizer de Lacan ecoa em mim ao escrever sobre “*A Hora da Estrela*”, onde Clarice Lispector, com sua arte narrativa revela saber *sem nós aquilo que a psicanálise nos ensina e que buscamos transmitir*. Aprender com ela, nada mais é que tentar destacar os pontos convergentes através dos quais seguimos as vicissitudes de um sujeito em via de sua inscrição significante, seus tropeços, acertos e fracassos na construção de um lugar.

Dedico esse trabalho ao grupo de literatura no qual participo há alguns anos e que tenho o privilégio de partilhar do rico universo que a arte literária nos proporciona.

Em vários momentos de seu ensino, Lacan refere como fundamentalmente importante a constante comunicação entre psicanálise e disciplinas afins, entre as quais a arte literária. É na história das línguas, bem como na literatura e nas artes que Freud, entre outras fontes, foi buscar inspiração para a construção de sua obra. Chegou a

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro de Intersecção Psicanalítica do Brasil/PE. E-Mail: mpalacio@superig.com.br.

sugerir esse intercâmbio interdisciplinar como condição básica de sustentação a qualquer instituição psicanalítica, assim como à formação de um analista.

Que a prática da letra converge com o trabalho do inconsciente Freud e Lacan nos dá seu testemunho. É à literatura de Clarice Lispector, em “*A hora da estrela*” que presto minha homenagem buscando alcançar os enigmas que o romance desperta, e que me ensinam por testemunhar na prática clínica esta busca, análoga à busca de um analisante e de acordo com a sentença freudiana: *lá onde isso era eu (como sujeito) devo advir*.

Podemos bem traduzir isto como uma busca de determinação, pois lá no indeterminado da cultura, lá onde está o homem, no genérico de sua definição, eu, devo advir, para ter consistência determinada na minha própria existência. Para isso, temos a *linguagem*, que se particulariza numa *fala* que tem como suporte a trama de *significantes* cuja materialidade Lacan chamará de *letra* e como sistema *lalíngua*. São estes elementos conceituais e a experiência clínica que nos permite uma leitura diferencial de um texto, um autor, uma obra.

Desde a dedicatória deste romance, aos grandes mestres da música temos a presença enigmática da autora que permanece suposta, falando no masculino, sem ainda nomear aquele que virá a ser o narrador: *Rodrigo S. M.* Segundo *o autor*, os grandes mestres lhe permitiram, senão impuseram a emergência de se explodir em: *eu*.

*“Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros, preciso de outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação”.*

*“Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós?”*

Ao não assinar a dedicatória, o vazio, o branco da página é um pleno que “*Não se conta tudo porque tudo é um oco de nada*”, para que nos escrevamos, para que sejamos, cada um de nós implicados na narrativa, fazendo-nos autores a partir do ressoar que o texto possa produzir em nós. Assim foi para mim, como pessoa e como analista.

Clarice deixa de maneira enigmática 13 opções de títulos, como se dissesse de sua indecisão ou busca de pluralidade para “*a explosão em eu*”. Explosão que é transferida a cada leitor, que acontece em momentos de tensão do texto, onde grafa

entre parênteses, (*explosão*) como se ali, *Ela, Clarice Lispector* nos dissesse para além da narrativa de Rodrigo: “*aqui estou em vós pois não agüento ser apenas mim*”.

Temos desde esta abertura a busca quase desesperada do Outro, de um arrimo particular, marcada pelo desamparo, que irá se estabelecer ao se recusar autora, nomeando um homem, que cria Macabéa, símbolo da carência, de uma quase desumanidade e da busca de inscrição mínima na existência.

Somos nós leitores ali captados, senão arrebatados pela superposição *Clarice/Macabéa/Rodrigo*, chamados num lugar de autoria para ter consistência, para “*não se explodir em vós, se manter de pé*”, implicados que estamos pelo nosso *eu* leitor nos labirintos da narrativa e de nosso próprio saber inconsciente.

A narrativa desliza nas palavras de Rodrigo S.M., personagem narrador, se escrevendo como se confessasse sua própria dor de existir, sua mágoa, sua culpa e que teria de ser homem, pois segundo Clarice uma escritora mulher pode “*lacrimejar piegas*”. Para além da própria cultura judaica, do papel da mulher, Rodrigo S. M. é uma forma da autora se escrever se sendo pelo oposto numa franca *denegação* de sua identidade real, um véu protetor de seu ser de mulher.

Capturado num soslaio de visão pelo sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina, surge ao narrador (autor) inspiração romanceada para escrever uma história verdadeira embora por ele inventada. Diz o narrador:

“*A moça é uma verdade da qual eu não queria saber*” (...) “*Que cada um de nós a reconheça em si mesmo*”.

Percebida como um *olhar*, numa “*visão da manhã de um dia 7 do mês das noivas, maio*”, temos nesta montagem algo daquilo que nos foi ensinado por Freud, ainda nos primórdios da psicanálise na Psicoterapia da Histeria (Projeto), com o caso Emma, uma jovem que pelo traço de um sorriso atual, escreve como trauma um outro sorriso, de sua primeira infância, este laço lhe precipitando numa fobia que lhe impedia de entrar em lojas. Lacan fez desse processo de tempo retroativo um conceito temporal de a *posteriori* (*après coup*) sendo complementado pela segunda forma de identificação em *Psicologia das Massas...* como “*traço unário*”, e posteriormente nos textos do próprio Lacan sobre o *Nome Próprio* no *Seminário A Identificação*. Assim diz ele :

“*O Nome Próprio é o pacto decisivo da identificação entre o traço unário, o significante e o sujeito*”.

É como Representante da Representação que ele faz referência no *Seminário 11* (*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*), ao *traço unário*. Representação do

que ainda não fora construído, mas já estava escrito no inconsciente, assim como podemos ver nas entrelinhas de “*A Hora da Estrela*”. O relato torna-se uma amostragem da carência em seu estado puro, vivida no texto por intermédio de um drama.

A descrição da personagem é de uma jovem nordestina, virgem, contando 19 anos de idade, vinda do sertão de Alagoas para se aventurar numa cidade toda feita contra ela. Órfã desde os dois anos, fazia da profissão de datilógrafa sua única consistência. Esta identidade fora propiciada pela tia que a criou, contudo o grau de instrução primário dificultava-lhe o manejo das letras. Mas era com as palavras que tinha que lidar e sendo “*incompetente para a vida, pois lhe faltava o jeito de se ajeitar*” errava como datilógrafa, pois era uma errante da vida. Sua marca era a sujeira que deixava no papel e o mau cheiro que exalava no ar do quarto de aluguel e escritório de trabalho.

É uma pessoa de vaga existência, tão tola que sorria para os outros na rua sem ao menos ser olhada. “*O seu viver é ralo*”.

Clarice Lispector nos legou com “*A hora da estrela*”, a possibilidade da leitura de uma metáfora que se desdobra como uma “*estrela de mil pontas*”, metáfora da travessia do drama humano, da existência que construímos para nos escrever na vida, de forma que ela não seja o simples cumprir de uma promessa.

Diz o narrador (autor): “*ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim*”, (...) “*terei de me escrever todo através dela por entre espantos meus*”, escrever com palavras os fatos da vida. “*Os fatos são as palavras ditas pelo mundo*”.

É desse mundo feito de palavras que damos início a nossa travessia. É do sentido secreto nelas ultrapassado que partimos. *Nome Próprio, traço unário* com o qual devemos escrever no Outro para ali fundar nossa ex-sistência. Façamos do texto de Clarice um relato de vida que muitas vezes escutamos no nosso consultório, que ali se escreve na busca de um tratamento que venha apaziguar o sofrimento.

“*Anônima e tão antiga como uma figura bíblica*”, a nordestina não sabia se ser, mesmo seu nome não lhe pertencia, ela deveria se escrever para advir para a vida viva, onde “*cada dia é um dia roubado da morte*”. O narrador Rodrigo S.M. se pergunta:

“*Será que entrando na semente de sua vida estarei como que violando o segredo dos faraós*”?

É curioso notar que a personagem principal dessa história só é nomeada na metade do livro, foram necessárias quarenta páginas para que seu nome fosse escrito. Seria uma alegoria da travessia do deserto, dos quarenta anos de errância?

Quando questionada por aquele que viria a ser o seu namorado, Olímpico de Jesus, explica que até um ano de idade não era chamada porque não tinha nome. Recebera como nome Macabéia, uma promessa feita por sua mãe a Nossa Senhora da Boa Morte. Diz ela: *“eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem, mas parece que deu certo”* (...) *“Pois como o senhor vê, eu vinguei”*.

Segundo Ana Maria Machado em seu livro “Recado do Nome”,

*a escolha de um nome na obra literária não é coisa do acaso nem ocorrência accidental. Mesmo que seja quase como um lapso, o nome significa o personagem, pondo em funcionamento as operações de condensação e deslocamento a que Freud se refere no trabalho dos sonhos. Em grande parte dos casos o nome da personagem é anterior à página escrita, desempenhando papel ativo na produção dessa página e na gênese do texto.*

Com efeito, Macabéia já estava escrita, é um nome efetivamente bíblico de origem judaica relativo aos Macabeus, guerreira família sacerdotal composta de Matatias e cinco filhos, entre eles Judas que recebeu alcunha de Macabeu (em latim, martelo), por sua força e determinação.

Enquanto minoria esses Judeus reagiram ao desafio de lutar com bravura contra forças poderosas greco-sírias sob o comando de Antiochos IV Epifânio, que pretendia destituir da cultura judaica suas tradições e preceitos religiosos introduzindo no templo sagrado de Jerusalém o culto ao Deus grego “Zeus Olímpico” e a prática a rituais helênicos, que para eles eram pagãos.

Os Macabeus, embora fossem poucos lutando contra muitos, venceram o desafio transcendendo os limites da natureza. A resposta divina realizou o *milagre* e o templo foi devolvido a Iahweh. Esse “milagre” ocorrido há mais de vinte e um séculos passou a ser cultuado entre os Judeus com a festa de Chanuka, que durante oito dias celebra o eterno testemunho ao desafio grego pela conquista de forças e poderes acima dos limites da natureza. Esse sinal divino é representado pela luz da Chanukia que ao ser acesa com um único frasco de azeite não profanado pelos gregos e suficiente para iluminar um dia,

permaneceu ardendo durante oito, tempo necessário para que novamente fosse produzido óleo puro de acordo com o ritual do Sumo Sacerdote. Por terem os Macabeus lutado pela Tora, fonte de luz espiritual neste mundo terreno foram merecedores de um “milagre” que se materializou através da luz. Esta é a alegoria da Luz, da Sabedoria, do Conhecimento.

Olímpico de Jesus (Moreira Chaves), nome dado ao personagem homem namorado de Macabéia, fugitivo de crime cometido no sertão da Paraíba, “*cabra macho safado*”, era metalúrgico e ladrão nas horas de descanso. Adorava enterros, esculpia e pintava santos, principalmente o Menino Jesus, pretendia se tornar um deputado. A gênese do nome Olímpico vem de Olimpo, morada dos Deuses da Grécia Mítica; lugar onde reina a felicidade, céu, paraíso; de aspecto grandioso, majestoso, sublime. Jesus vindo acrescentar um significante que conota ausência de pai e eleição do filho, o que ocupou o lugar do Messias. Ao se envergonhar do nome, acrescenta para se apresentar: Moreira Chaves. Moreira sendo um nome de cristão novo que para escapar da perseguição na península ibérica se converteram ao cristianismo (+ - século XI ou XII); e Chaves o elemento que permite a abertura para que a charada deixe de ser enigma.

Do nome Macabéia o traço de luta épica dos Macabeus vai derivar as MACABÍADAS judaicas, equivalente das OLIMPIADAS gregas, ambos simbolizando a epopeia humana na busca e/ou ultrapassagem de seus limites.

“*A Hora da Estrela*” parece ser uma grande metáfora histórica do judaísmo e do cristianismo. A palavra divina, o dom divino, desde Moisés que recebeu as tábuas de Deus guia as travessias, seja do deserto em busca da terra prometida seja de Alagoas ao Rio de Janeiro pelos imigrantes nordestinos, seja nos sonhos hollywoodianos ou na travessia analítica onde o renascer do sujeito implica “*a morte do que fora em vista do que possa advir*”. (JL Função e Campo...)

Na prática clínica, num tratamento com palavras, é através do Outro que as palavras se ordenam para escrever uma outra história, uma outra vida. Se o Deus Hebraico, ao ser interrogado responde “*sou o que sou*”, sem causa, sem carência, num todo onipotente, Macabéia se todifica pelo negativo, “*sou assim porque sou assim*”, “*já que sou , o jeito é ser*”, “*eu sou eu*”, e encantada com a água de um poço se pergunta através de Olímpico: “*Você sabe se a gente pode comprar um buraco*” ? Seria uma cova para se esconder de si mesma? Do viver de Macabéia , “*Não se conta tudo porque tudo é um oco de nada*”.

Como escrever a grande metáfora da vida que se escreve para os judeus desde a saída do Egito na busca de um lugar para morar, um lugar de viver? Como escapar do holocausto que se faz no dia, dia da busca de cada um? Todos somos “judeus” e como tal temos que fazer nossa travessia, nossa escritura, nossa construção de um lugar de ser. E o fazemos através de palavras, palavras duras de pedra. Por isso não é fácil escrever, ***“é duro como quebrar rochas(...)voam faíscas como aços espelhados”***.

***“Lá onde isso era, devo eu-sujeito advir”***. Lacan refere em vários momentos de seu ensino sobre essa descoberta freudiana da distinção fundamental entre “o sujeito” e “o eu”. O sujeito como herdeiro da verdade reconhecida, diz ele nos Escritos (J. L. A Coisa Freudiana), não é “o eu” perceptível do gozo consciente ou da alienação laboriosa. É do lugar onde “isso” (inconsciente) era que devo “eu” (sujeito), vir à luz desse lugar de ser. O inconsciente, como sabemos, é estruturado como linguagem portanto é pela linguagem que fala em nós. Sua efetividade obedece às leis da linguagem, no eixo simbólico (significante), e é como corte, descontinuidade que o sujeito aparece. Antes do significante ele não era nada, o sujeito por vir se coagula não como agente, mas como efeito do significante que se constitui no campo do Outro, tesouro dos significantes. Antes disso ele era apenas um ser vivo, só se tornando sujeito por meio de representação, entre dois significantes. Assim, o sujeito que nos interessa na análise é porta voz de um saber que não se sabe, suposto, inventivo e como tal se vivifica como representante da representação que se mantém no inconsciente.

Todo coletivo fala “eu”, não existe enunciação para o sujeito de uma coletividade. Rodrigo S.M., fala “eu” e por isso escreve e se escreve como narrador (Autor) de Macabéa. Ele é Clarice, ele é Rodrigo, ele é Macabéa, eu, você e todos que pelo efeito da leitura nos escrevemos como Macabéa. Cada um tem a sua, difere entretanto na maneira da escrita de nossa própria vida. Clarice Lispector, emigrante judia, criada no nordeste do Brasil, se escreveu como uma das mais criativas e profunda conhecedora da alma humana, através de seus personagens. Eu tento me escrever através desse trabalho e Macabéa... Como se escreveu ela?

Só uma vez se fez a pergunta, ***“quem sou eu”***? Assustou-se tanto que parou de pensar. Nascera raquítica, herança do sertão, e com dois anos de idade perdera os pais de febre ruim. Mudou-se para Maceió com uma tia beata, única parenta que tinha no mundo. Do contato com essa tia ficara-lhe a cabeça baixa, lembrança dos cascudos no cocuruto para evitar que um dia se transformasse numa vagabunda de rua. Assim: ***“A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol”***.

Questionada por Glória, companheira de trabalho, sobre a constante ingestão de aspirinas Macabéa diz, **“É para eu não me doar”(…)”eu me dão o tempo todo”**. Mas não chorava por causa da vida que levava, não sabia que era infeliz, pensava que era obrigada a ser feliz. Então era. Foi assim que reagiu ao término do namoro. Na verdade Olímpico nunca mostrou satisfação em namorar Macabéa, seu amor por ela era **“pálido”**. Não conseguiam conversar, **“seu diálogo era sempre oco”**. **“Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer”**. Com essas palavras comunicou o rompimento, se apaixonara por Glória, sua colega. Seria o fim dos dois únicos elos de ligação dela, Macabéa, com o mundo.

Rodrigo, o narrador diz, **“Antes de nascer ela era uma ideia”?** **“Antes de nascer ela era morta”?** **“Era um cruzamento de quê com quê”**.

Olímpico, o namorado lhe pergunta: **“Escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?”**

Macabéa responde: **“Não sei bem o que sou, me acho um pouco...de quê?...Quer dizer não sei bem quem eu sou”**.

Olímpico diz: **“Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso”?**

Macabéa: **“É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que eu nunca fui importante”**.

Sentados num banco de praça pública precisavam decidir sobre o assunto da conversa. Macabéa pergunta: **“Falar então de quê”?**

Olímpico diz: **“Por exemplo, de você”**.

Macabéa se espanta: **“Eu”?!**

Olímpico responde: **“Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente”**.

Macabéa: **“Desculpe mas não acho que sou muito gente”**.

Olímpico: **“Mas todo mundo é gente, Meu Deus”!**

Macabéa: **“É que não me habituei”**.

A profecia da cartomante Carlota, caftina experiente, revela seu destino glorioso de **estrela cadente**: conhecerá um homem loiro, de olhos azuis, num grande carro que trará para ela a felicidade e o calor para uma existência confortável. O Alemão Hans, irá atropelá-la, ela morre nascendo para outra vida. Era seu primeiro dia do novo nascimento. Seria o Holocausto? A perseguição? Seria Macabéa o símbolo do atropelamento pelos alemães com a morte de milhões de Judeus?

Suas últimas palavras foram: **“ – Quanto ao futuro”**.



E conclui o narrador:

*“Terá tido ela saudade do futuro? Ouço a música antiga de palavras e palavras, sim, é assim. Nesta hora exata Macabéia sente um fundo de enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas”.*

## ONDE “EU” PODE ADVIR

O que a experiência da psicanálise nos ensina? Primeiramente que o homem é um efeito do significante e se escreve na linguagem tal uma ficção metafórica plena de construções, análogo ao que se faz na arte literária.

O que ouvimos como analistas são metáforas, alegorias, dramas, enredos diversos, construídos na transferência, a partir da busca de apropriação da vida, pelos mais variados meios: uns pintam, outros escrevem, outros ainda cantam e quando estes meios não se revelam suficientes chega-se ao extremo na invenção de sintomas diversos.

Macabéia foi construída por Clarice Lispector, através do narrador Rodrigo S. M. por um traço supostamente percebido numa manhã de um cruzamento de ruas. Este traço, destacando-se como *“traço unário”*, permite um enlace ficcional que traz à tona o que já estava escrito na autora. É pela criação de um representante da própria autoria que produz uma ficção, ou seja, uma forma de colorir a realidade enriquecendo-a para que seja digerida.

O processo analítico é didaticamente homólogo. O *“Traço Unário”*, é um elemento propulsor de identificações visando uma identidade. Este propulsor, podendo inicialmente ser um traço qualquer, encontra sua principal propriedade através do *Nome Próprio*. É ele, esse Nome, que permite a amarração do sujeito ao núcleo originário de sua existência.

A Mãe, através do *x* enigmático do seu desejo nomeia o Pai, que por sua vez é nomeante do filho e por isso o Nome quando tornado próprio resiste a qualquer tradução, sobrevoa as culturas tanto a particular, de cunho familiar, quanto as mais gerais. É o que insere efetivamente a cria humana numa história, numa tradição e no jogo de gerações.

Clarice recebeu primeiramente o nome *Chaia*, que derivado do hebraico *Chai* significa vida. Ela também uma promessa de vida para sua mãe Marieta. (Rosa Lispector)

Na arte literária, como vimos com os nomes de Macabéa, Olímpico e mesmo Rodrigo, cada um arrasta consigo uma história. Com efeito, o nome do narrador Rodrigo, traço do “*grande unificador*” da Península Ibérica *El Cid*, (Meu Senhor), assim como um Macabeu traz em si a história, acúmulo de várias gerações, fatos e feitos estampados ao longo da narrativa.

Este Traço será propulsor das cópulas significantes **S1** e **S2**, produtoras do sujeito cujo desejo é velado pelo fantasma. Caso essa montagem fracasse advém o sofrimento sintomático.

O analista ocupa na relação transferencial o lugar do Outro, semblante do objeto – já que possui um corpo – objeto pulsional, objeto *a*, que nada mais é que uma abertura, um buraco para que o sujeito eleja um objeto qualquer para dar conta de sua divisão, de sua incompletude, enfim do que aponta sua castração.

A análise é, pela alteridade do Outro, lugar do simbólico onde o sujeito pode advir se escrevendo como desejante, e se permitindo ser afetado pelo saber inconsciente como nas construções literárias que desvelam uma outra história.

A metáfora Macabéa se escreve pela morte da personagem, para viver em nosso imaginário. Enriquecendo nossa cultura permite um alargamento de nossas possibilidades enunciativas, e a construção de novas metáforas para vivificar espiritualmente a existência de cada um.

O fazer analítico, mesmo tendo o que lhe é estritamente próprio, é um fazer similar. O inconsciente é escrito, e por isso deve ser lido na escuta de cada analista, que trabalha para que aquilo que se apresenta como ego, personalidade, atributos variados no princípio de um tratamento, efetivamente possa “*morrer*” para que *o sujeito advenha no lugar que lhe cabe em sua história quase sempre feita toda contra ele.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

LACAN, J. Função e Campo *in Escritos*. Jorge Zahar.

LACAN, J. *Seminário Os Quatro Conceitos*. Jorge Zahar.

LACAN, J. *Seminário A Identificação*. CEF

LACAN, J. A Coisa Freudiana *in Escritos*. Jorge Zahar.

FREUD, S. Psicoterapia de Histeria: Projeto Obras. Imago.

FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu. Obras. Imago

LISPECTOR, R.: Oficina Literária Clarice Lispector , Centro Cultural Brasil-Espanha.

MACHADO, A. M. : *O Recado do Nome* . Nova Fronteira.

Textos Hebraicos. *Revista MORASHÁ*. 2001/2004.